

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

DE SE TIRAR O CHAPÉU

26 de Agosto de 2022

THE MADWOMAN OF CHAILLOT

A LOUCA DE CHAILLOT / 1969

um filme de BRYAN FORBES

Realização: Bryan Forbes *Argumento:* Edward Anhalt, Maurice Valency (*adaptação*) a partir de uma peça de Jean Giraudoux (*La Fole de Chaillot*, 1945) *Fotografia:* Burnett Guffey, Claude Renoir *Montagem:* Roger Dwyre *Música:* Michael J. Lewis *Desenho de produção:* Ray Simm *Direção artística:* Georges Petitot *Guarda-Roupa:* Rosine Delamare *Caracterização:* Alex Archambault, Monique Archambault *Interpretação:* Katharine Hepburn (Condessa Aurelia, a Louca de Chaillot), Paul Henreid (o General), Yul Bryner (o Presidente), Oskar Homolka (O Comissário), Richard Chamberlain (Roderick), Donald Pleasance (o Prospector), Edith Evans (Josephine), John Gavin (o Reverendo), Charles Boyer (o Corrector), Claude Dauphin (Dr. Jadin), Giulietta Masina (Grabrielle), Nannette Newman (Irma), Danny Kaye (o Trapeiro), etc.

Produção: Commonwealth United Entertainment (UK, 1969) *Produtor:* Ely A. Landau *Produtor associado:* Anthony B. Unger *Produtor executivo:* Henry T. Weinstein *Cópia:* 35 mm, cor, 126 minutos, legendada em sueco e electronicamente em português *Estreia comercial:* 12 de Outubro de 1969, Nova Iorque *Estreia comercial em Portugal:* 25 de Dezembro de 1969, Lisboa (cinema Império) *Primeira exibição na Cinemateca.*

AVISO

Proveniente da Svenska Filminstitutet, a cópia 35 mm que vamos apresentar é uma cópia de arquivo, o que impede a montagem das bobines com cortes de película mesmo nas “pontas” respectivas. Dado que as projecções na Esplanada são feitas com um único projector, e não com recurso à projecção alternada das bobines como geralmente sucede nas salas da Cinemateca, a cópia será apresentada com troços a negro entre cada uma das bobines. O “sistema” perturba a fruição plena da projecção, mas é a única maneira de salvaguardar o material nestas condições, razão pela qual se sublinha o aviso com um agradecimento aos espectadores pela sua compreensão.

Na Esplanada, pelo mesmo motivo, a sessão decorre com intervalo.

Não são lembrados como “loucos”, os anos 1930, o epíteto ficou guardado para a década anterior do século XX. No cinema, continuavam a ser anos de extrema liberdade, sobretudo de início para os lados de Hollywood que, entre outros mimos, não tardaria a investir nos espartilhos de um código de censura chamado Hays. Houve uma era pré e pós-Código, o dito não vigorava ainda em pleno em 1932 quando Katharine Hepburn se estreou como actriz no cinema, vinda do teatro, no começo de um belo caminho de quase sessenta anos. Já fizera *A Bill of Divorcement* ao lado de John Barrymore e Billie Burke, na primeira das colaborações com George Cukor, quando Dorothy Arzner lhe ofereceu o protagonismo em *Christopher Strong* (do mesmo ano de 1932). Nessa outra produção RKO que andou esquecida por tempo demasiado, e no qual também Billie Burke desempenha novo magnífico papel, Hepburn é uma temerária aviadora. A história é de amor, ilícito como tantas das grandes histórias de amor, mas a sua natureza vai a par com a garra da personagem principal e a energia da actriz. Normalmente trajada para voar, de escuro e com grandes óculos e capacete aviadores, Hepburn, que aí responde como Lady Cynthia Darrington, apresenta-se como uma irresistível extraterrestre numa cena em que comparece a uma festa debaixo da cintilância colante de um muito claro fato de cetim que envolve a esguia silhueta dos pés à cabeça, terminando a extremidade de cima numa espécie de

antenas tão inenarráveis como memoráveis. Mais extravagante e afirmativo não há. Vem à ideia quando a vemos chegar, em 1969, como Condessa Aurelia, vulgo a Louca de Chaillot, extraordinária como sempre e aqui enfeitada de cores e fitas e um esplêndido chapéu. Não o tira, o chapéu é mais que adereço, reflectindo (como num espelho, *hélas!* pelos ínvios caminhos da programação deste Agosto na Cinemateca) a alma da personagem.

Filmada em França entre Fevereiro e Julho de 1968, em estúdios de Nice e na Paris das calçadas do célebre Maio, esta adaptação da peça de Jean Giraudoux conta com a exuberância da interpretação de Katharine Hepburn nas décadas finais da sua vida de actriz. A condessa Aurelia é pois *a louca de Chaillot*, fora do tempo embora não do espaço, e a sua história a de alguém que, sentindo a ameaça da ganância alheia, congrega uma pequena legião de amigos para fazer frente à má sorte anunciada. Essa ameaça tem a cor do petróleo que quatro homens – o General, o Comissário, o Presidente e o Prospector – ensaiam fazer jorrar do subsolo da cidade enquanto a condessa chama a si a responsabilidade humanista de lhes contrariar os desígnios. Ao original de Giraudoux de meados dos anos 1940 a versão cinematográfica de 1969 acresce apontamentos de actualidade, o nuclear incluído, mas o que ressalta é como todo gira à volta de Katharine Hepburn por mais que ela demore a “entrar”, pós-prólogo, no filme que se enreda na trama antes de se deixar levar pela personagem. Mas ela chega e monta-se um pequeno teatro, servido pelo anacronismo que pauta todo o filme, num prisma de mergulho por águas encantadas. Andam por lá outras fadas e elfos, a atenção, ou a leitura da ficha técnica, revela as presenças de Edith Evans, Giulietta Masina, Paul Henreid, Charles Boyer, Yul Bryner... como se a ocasião fosse uma festa.

Voltamos à actriz: corriam os anos 1960 de *A Long Day's Journey into Night* a partir de Eugene O'Neill (Sidney Lumet, 1962), o filme a que Hepburn atribuía um grande desafio e um dos seus melhores papéis no cinema (reconhecido com uma nomeação para o Óscar e o prémio de melhor actriz em Cannes), e de *Guess Who's Coming do Dinner* (Stanley Kramer, 1967), pelo qual Hepburn recebeu o segundo dos quatro Óscares depois da estreia das distinções em 1932 (*Morning Glory*) e antes de *The Lion in Winter* (Anthony Harvey, 1968) e *The Golden Pound* (Mark Rydell, 1981). Faltavam dez anos para *The Corn Is Green* (1979), que Cukor considerava uma variação de *My Fair Lady* (1964, interpretada pela outra Hepburn da vida de Cukor, Audrey) com os papéis invertidos. A rodagem d'*A Louca de Chaillot* aconteceu logo a seguir ao *Leão no Inverno* mas, ao contrário da sorte desse título, o filme de Forbes não granjearia as boas graças do público ou da crítica, permanecendo um título pouco fadado a tocar o delírio por delirante que se apresente. *The world is not beautiful? The world is not happy? Why wasn't I told?* Porque é Katharine Hepburn a perguntá-lo com o espanto nos olhos não ocultados pelas abas do espalhafatoso chapéu-de-palha não estranhámos a verbalização da ingenuidade de uma velhota em desfasamento. Afinal, a reacção de Cukor diante da recém-chegada Katharine em 1932 lembrada por ele mesmo não caducaria: “There was this odd creature”, “she was unlinke anybody I'd ever heard.”

Maria João Madeira